

A ciência e as outras armas do exército materialista

Murilo Amadio Cipollone

Mestrando em Direito do Trabalho pela Universidade de São Paulo
(USP)

Resumo

Pretende-se localizar o conceito de ciência na obra de Louis Althusser e, sobretudo, a forma pela qual tal prática pode interessar à luta da classe trabalhadora. Mais precisamente, almeja-se identificar o modo pelo qual tal conceito se localiza no escopo da Teoria da Ideologia do filósofo. Isso porque, sabe-se, o conceito de ideologia se transforma ao longo da trajetória intelectual de Louis Althusser, e, na medida em que a ele se incorpora a noção de materialidade, há aí uma reorganização qualitativa que impõe a necessidade de se averiguar a possibilidade de uma prática verdadeiramente científica – isto é, distante da interpelação ideológica. Para tanto, parte-se à leitura das duas principais obras de Althusser, *Por Marx e Ideologia* e *Aparelhos ideológicos de Estado*, as quais devem condensar o necessário da discussão, sem, porém, adentrar sua obra manuscrita. Nota-se que se pretende extrair as conclusões do próprio Althusser, o que implica na renúncia, programada, do registro das disputas da tradição althusseriana.

Palavras-chave Ciência; Prática teórica; Filosofia; Ideologia; Aparelhos ideológicos de Estado.

Submissão

14/01/2025

Aprovação

03/06/2025

Publicação

22/07/2025

Science and the others weapons of the materialist army

Abstract

The intention is to locate the concept of science in the work of Louis Althusser, and above all, the way in which such practice may be of interest to the struggle of the working class. More precisely, the aim is to identify the manner in which this concept is situated within the scope of the philosopher's Theory of Ideology. This is because it is known that the concept of ideology undergoes transformation throughout Louis Althusser's intellectual trajectory, and as the notion of materiality is incorporated into it, there arises a qualitative reorganization that necessitates the investigation of the possibility of a truly scientific practice – one that is distant from ideological interpellation. To do this, we start by reading Althusser's two main works, *For Marx* and *Ideology and Ideological State Apparatuses*, which condense what is necessary for the discussion, without, however, going into his manuscript. It should be noted that the intention is to draw conclusions from Althusser himself, which implies a planned renunciation of the disputes of the Althusserian tradition.

Keywords Science; Theoretical practice; Philosophy; Ideology; Ideological State Apparatuses.

La ciencia y las demás armas del ejército materialista

Resumen

Se pretende localizar el concepto de ciencia en la obra de Louis Althusser y, sobre todo, la forma en que tal práctica puede interesar a la lucha de la clase trabajadora. Más precisamente, se busca identificar el modo en que dicho concepto se sitúa en el ámbito de la Teoría de la Ideología del filósofo. Esto se debe a que se sabe que el concepto de ideología se transforma a lo largo de la trayectoria intelectual de Louis Althusser, y, en la medida en que se incorpora a él la noción de materialidad, surge una reorganización cualitativa que impone la necesidad de investigar la posibilidad de una práctica verdaderamente científica, es decir, alejada de la interpelación ideológica. Para ello, partimos de la lectura de las obras principales de Althusser, *Por Marx* y *Ideología y Aparatos ideológicos de Estado*, que condensan lo necesario para la discusión, sin por ello profundizar en su manuscrito. Cabe señalar que la intención es extraer conclusiones del propio Althusser, lo que implica una renuncia planificada a las disputas de la tradición althusseriana.

Palabras clave Ciencia; Práctica teórica; Filosofía; Ideología; Aparatos ideológicos del Estado.

Introdução

A mais objetiva pretensão deste artigo é delimitar o papel e a importância da ciência na obra de Louis Althusser no escopo de sua Teoria da Ideologia. Tal no sentido de responder uma questão que o próprio filósofo francês se colocou desde o começo de sua atividade intelectual, qual seja, “compreender o que o marxismo *quer dizer*”¹.

Essa questão, ensina-nos a prática teórica de Althusser, deve ser abordada de duas formas diferentes. Por um lado, deve-se organizar um trabalho de conhecimento da produção marxiana que busque ser responsável para com seu aporte teórico-metodológico. Por outro, conhecer os objetivos políticos que a atividade teórica marxista quer promover.

Parece claro, pois, que o estudo do marxismo deve ser duplamente rigoroso: tanto para com o cabedal epistemológico organizado pela estrondosa descoberta científica que o marxismo fez a partir da organização de um novo objeto de estudos (a luta de classes), como para com as transformações motivadas nesse objeto pela prática teórica que o toma.

Daí que, talvez, dispor do conceito de ciência através da obra de Louis Althusser seja a melhor forma de entender o marxismo enquanto objeto teórico. Isso porque a elaboração do conceito em questão deve demonstrar, pelas suas próprias formas, o modo pelo qual as duas perspectivas do marxismo se articulam: seus conhecimentos e sua serventia à luta da classe trabalhadora.

Nesse sentido, é indispensável voltar-se à Teoria da Ideologia de Althusser, justamente porque a ciência lhe orbita e, ao longo de sua trajetória intelectual, de diferentes modos, ocupa ali um ponto de destaque, se assim podemos falar. Esse retorno implica três considerações.

A primeira, consiste na detecção de uma distância entre dois momentos da bibliografia de Althusser. Em seus primeiros escritos como intelectual público,

¹ ALTHUSSER, L. *Posições I*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1978. p. 131.

mormente em *Pour Marx*, Althusser, no ensejo de sistematização do marxismo, elabora o conceito de ideologia de uma determinada forma, tal como aqui se descreverá, e a ele opõe a noção de ciência. Alguns anos mais tarde, em uma outra conjuntura histórica, Althusser revê suas posições e ele mesmo identifica, destacadamente em *Idéologie et Appareils Idéologiques d'État*, imprecisões e desvios. Então, trata de repisar sua Teoria da Ideologia e a ela incorpora a noção de materialidade, o que transforma suas relações com o conceito de ciência e com todas as demais práticas sociais, entre elas, as relações filosóficas e as ideológicas. Dessa forma, a descrição desses diferentes “momentos” será indispensável às conclusões do artigo e, em verdade, constituirá toda a sua estrutura.

A segunda consideração diz respeito a uma delimitação prática deste artigo. Decidiu-se por não misturar, neste debate acerca da construção e estruturação do pensamento de Louis Althusser, as obras que ele escolheu publicar e as obras por ele deixadas na gaveta, manuscritos publicados postumamente, sobretudo, da segunda metade da década de 2010 até hoje. Isso porque existe uma rígida discussão epistemológica, registrada também pelo próprio Althusser em um manuscrito seu, *Marx dans ses limites*², sobre a possibilidade de se fazer uso de obras não preparadas pelo autor para pensar sua teoria – destacadamente quando se trata de Althusser, que poderia, em muitos momentos, ter escolhido divulgar diversas obras, uma vez que dirigia uma coleção chamada *Théorie* na casa editorial de François Maspero, e, mesmo assim, não o fez. Pelo tanto, incorporar tais manuscritos a este debate, muito embora cuidem do mesmo tema, parece-nos, trata-se de um empreendimento teórico e de um esforço intelectual para o qual não há agora tempo, mas que se pretende desenvolver oportunamente. Daí que o leitor apenas constatará as referências às obras que Althusser escreveu, organizou, preparou e fez publicar.

Por fim, a terceira consideração cuida de um comentário acerca da própria forma que este artigo toma. Como se verá, trata-se de uma revisão bibliográfica apenas dos textos do próprio Louis Althusser – e de ninguém mais. Ou seja, trata-se de uma

² ALTHUSSER, L. *Marx dans ses limites*. In: ALTHUSSER, L. *Écrits philosophiques et politiques*. Tome I. Paris: Stock/IMEC, 1994. p. 357-523.

proposta metodológica que não se sustenta em outros leitores de Althusser para tecer considerações sobre sua obra, mas, efetivamente, de ter aqui fixada a *nossa própria interpretação do filósofo*. De fato, esta forma de escrita quer ser vista como uma *posição teórico-política*. Tal justamente porque pretende dar voz à Althusser em um *contexto de disputas políticas* envolvendo, não só os *marcos teórico fundamentais de sua bibliografia*, mas também o *próprio aporte epistemológico do materialismo histórico-dialético*. Daí a necessidade da tomada de posição no âmbito desse conflito: precisamente o que a forma deste artigo pretende pautar.

Enfim, a organização do artigo para que se possa atingir o objetivo aqui fixado conta, além dessa introdução, com um primeiro tópico acerca da Teoria da Ideologia em alguns textos que compõe o *Pour Marx*, bem como o lugar ocupado pela ciência nesse cenário. Obviamente, conta com um segundo tópico, que há de verificar a forma pela qual o pensamento de Althusser caminha quando da incorporação de novos elementos à sua Teoria da Ideologia, e a transformação qualitativa que o conceito de ciência ganha. Ao final, a real intervenção do escrito é verificação do lugar em que o conceito de ciência repousa nos escritos mais tardios da obra publicada de Louis Althusser.

Ciência e ideologia nos primeiros escritos de Louis Althusser

Elaborações metateóricas

É muito frutífero se debruçar sobre as preocupações de Louis Althusser. Em todos os momentos de sua produção intelectual, é notável que Althusser sempre esteve atento aos caminhos e às voltas de sua própria produção teórica. Nunca bastou a ele se dedicar tão somente a pensar em algo e escrever sobre; não, sempre foi necessário pensar sobre o que estava pensando, descrever as razões pelas quais escolheu escrever algo, elucidar seus interlocutores sobre a conjuntura histórica que enquadrava seu raciocínio ou mesmo enunciar os exatos objetivos pretendidos.

É justamente isso que se encontra no prefácio *Hoje*, de *Pour Marx*, escrito quando da compilação dos artigos para publicação, em 1965. Nele, Althusser tratou justamente

daquilo que pretendeu desenvolver, ou melhor, o que procurou destacar do aporte epistemológico – que também é um cabedal teórico-metodológico – marxiano, com a escrita dos sete artigos que compõe seu livro de entrada na cena pública do debate intelectual marxista.

Nesse sentido, Althusser revela que sua procura, que fora também a de seus camaradas do Partido Comunista Francês, tivera origem numa situação de abandono e, contraditoriamente, de liberdade. Abandono porque os comunistas franceses da segunda metade do século XX começaram sua atividade intelectual distantes qualquer

baluarte teórico,³ mormente, de um teórico nacional;⁴ além disso, Althusser assevera que o abandono, isto é, a ausência de qualquer figura intelectual robusta o suficiente para servir de referência, fora devido também ao dogmatismo stalinista, que impediu a formação, de um modo mais geral, de um sofisticado corpo teórico marxista. Nada obstante, o filósofo francês relata que foi o fim desse mesmo stalinismo, entendido enquanto razão de estado, somado às discussões trazidas à baila pelo XX Congresso, que

³ Althusser destaca que, na França, os intelectuais se associariam à burguesia, que, naquele país, constituía-se como classe revolucionária. Daí que, enquanto classe dominante vitoriosa, a burguesia soube manter a atividade intelectual da França sob seu controle. Processo diferente teria ocorrido nos demais países do capitalismo europeu, nos quais os intelectuais resguardaram-se sob a classe operária e, a partir disso, puderam constituir-se como marxistas. É o que se desprende do trecho: “Foi assim por razões de princípio que Lenin, depois de Kautsky, nos permitiu compreender: de um lado, a ideologia “espontânea” do movimento operário não podia, entregue a si mesma, produzir senão o socialismo utópico, o trade-unionismo, o anarquismo e o anarco-sindicalismo; de outro lado, o socialismo marxista, supondo o gigantesco trabalho teórico de instauração e de desenvolvimento de uma ciência e de uma filosofia sem precedente, só podia ser realizado por homens com uma profunda formação histórica, científica e filosófica, por intelectuais de grande valor. Se tais intelectuais apareceram na Alemanha, na Rússia, na Polônia e na Itália, seja para fundar a teoria marxista, seja para se tornarem seus mestres, não foi em razão de acasos isolados: é que as condições sociais, políticas, religiosas, ideológicas e morais reinantes nesses países tornavam simplesmente impossível a atividade dos intelectuais, a quem as classes dominantes (feudalismo e burguesia comprometidos e unidos em seus interesses de classe e apoiados nas Igrejas) não ofereciam, no mais das vezes, senão empregos servis e irrisórios. Ali, os intelectuais só podiam procurar liberdade e futuro ao lado da classe operária, a única classe revolucionária. Na França, ao contrário, a burguesia fora revolucionária, soubera e pudera, de longa data, associar os intelectuais à revolução que fizera, e mantê-los a seu lado depois da tomada e da consolidação do poder. A burguesia francesa soubera e pudera realizar sua revolução, uma revolução nítida e franca, eliminar a classe feudal da cena política (1789, 1830, 1848), consolidar sob seu reinado na própria revolução a unidade da nação, combater a Igreja, depois adotá-la, porém, chegado o momento, separar-se dela, e cobrir-se com as palavras de ordem de liberdade e de igualdade. Ela soubera utilizar, ao mesmo tempo, suas posições de força e todos os títulos adquiridos no passado para oferecer aos intelectuais suficiente futuro e espaço, funções bastante honrosas, margens de liberdade e de ilusões suficientes para retê-los sob sua lei, e mantê-los sob o controle de sua ideologia. Salvo algumas grandes exceções, que foram justamente exceções, os intelectuais franceses aceitaram sua condição e não sentiram a necessidade vital de procurar a salvação ao lado da classe operária; e quando aderiram a ela, não souberam desfazer-se da ideologia burguesa que os marcava e que sobreviveu em seu idealismo e seu reformismo (Jaures) ou em seu positivismo. Também não foi por acaso que o partido francês precisou consagrar corajosos e pacientes esforços para reduzir e destruir o reflexo de desconfiança “obreirista” contra os intelectuais, que exprimia à sua maneira a experiência e a decepção, incessantemente renascentes, de uma longa história. Foi assim que as formas mesmas da dominação burguesa privaram por muito tempo o movimento operário francês dos intelectuais indispensáveis à formação de uma autêntica tradição teórica”. ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 16-17.

⁴ De forma muito interessante, Althusser denuncia o chauvinismo francês: “Esta última condição não é um detalhe supérfluo. Pois herdamos, ao mesmo tempo que esse vazio teórico do nosso passado nacional, esse monstruoso provincianismo filosófico e cultural (nosso chauvinismo) que nos faz ignorar as línguas estrangeiras e praticamente desconsiderar o que se pode pensar e produzir para além de uma cadeia de montanhas, do curso de um rio ou do espaço de um mar”. ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 18.

permitiu a velhos problemas virem à tona, apenas sob nova roupagem, ou seja, quando do começo efetivo da liberdade.

Os problemas referidos dizem respeito à forma de se encarar a filosofia. Isso pois é revelado que, num ambiente de “vacuidade teórica”⁵, a filosofia só pôde ser pensada pelos comunistas franceses como *algo impossível*. Esse algo impossível, fruto da incapacidade de melhor elaboração teórica, era defendida por Althusser e seus camaradas de três formas distintas.

A primeira cuidava de atender a um suposto chamado dos jovens Karl Marx e Friedrich Engels para o estudo da realidade, deixando-se, para tanto, de lado, em absoluto, a filosofia. A segunda forma de lidar com a impossível filosofia, diz, era a expectativa de que o discurso científico acabado cobrisse as proclamações vazias da filosofia. A terceira forma – que devido ao cuidado que o texto toma para com ela, em suas palavras mesmo, parece tratar-se da perspectiva previamente adota pelo próprio Althusser – pretendia fazer da filosofia a mera consciência da ciência; isto é, fazer da filosofia a consciência vigilante da ciência – dessa forma, a filosofia teria uma morte filosófica, e não prosaica, ou seja, pragmático-religiosa ou positivista. É o que se pode destacar do seguinte recorte:

Os mais militantes e os mais generosos chegavam ao “fim da filosofia” por sua “realização”, e celebravam a morte da filosofia na ação, em sua realização política e sua realização proletária, pondo sem reserva a seu serviço as famosas “Teses sobre Feuerbach”, em que uma linguagem teoricamente equívoca opõe a transformação do mundo à sua explicação. Daí ao pragmatismo teórico não havia, jamais há, senão um passo. Outros, de espírito mais científico, proclamavam o “fim da filosofia” no estilo de certas fórmulas positivistas de A ideologia alemã, onde não são mais o proletariado e a ação revolucionários que se encarregam da realização, logo, da morte da filosofia, mas a ciência pura e simples: Marx não nos incita a cessar de filosofar, ou seja, de desenvolver devaneios ideológicos, para passar ao estudo da própria realidade? [...]

⁵ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 19.

[...] Confiávamos então à filosofia a perpétua redução crítica das ameaças da ilusão ideológica, e, para lhe confiar essa tarefa, fazíamos da filosofia a pura e simples consciência da ciência, reduzida em tudo à letra e ao corpo da ciência, mas simplesmente virada do avesso, como sua consciência vigilante, sua consciência do exterior, para esse exterior negativo, para reduzi-lo a nada. Era o fim da filosofia, visto que todo seu corpo e seu objeto se confundiam com o da ciência, e, no entanto, ela subsistia, como sua consciência crítica evanescente, apenas o tempo de projetar a essência positiva da ciência sobre a ideologia ameaçadora, apenas o tempo de destruir os fantasmas ideológicos do agressor, antes de retomar seu lugar, reencontrar o seus. Essa morte crítica da filosofia, idêntica à sua existência filosófica evanescente, dava-nos enfim as razões e as alegrias de uma verdadeira morte filosófica, realizada no ato ambíguo da crítica⁶.

Como o texto deixa claro, Althusser apenas se preocupa em revelar essas concepções – já enterradas à época da elaboração de seus primeiros escritos – porque foi dessas angústias que pode surgir a motivação dos artigos que compõe o *Pour Marx*. Entretanto, preocupa-se em registrar que foi com o fim do dogmatismo stalinista – ou seja, com a liberdade, que é, verdadeiramente, uma *liberdade teórica*, sobre a qual se comentava – que Althusser pôde organizar teoricamente uma concepção que julgava adequada acerca da filosofia na obra de Marx.

Em outras palavras, o novo contexto histórico parecia demonstrar que não se estava, por nenhuma das abordagens que se escolhesse, diante do fim da filosofia, mas, efetivamente, diante de uma *nova filosofia*, a filosofia marxista, que fora fundada por Karl Marx no mesmo momento de fundação de sua teoria da história. É o que se lê:

O fim do dogmatismo nos colocou diante desta realidade: a filosofia marxista, fundada por Marx no ato mesmo da fundação de sua teoria da história, está ainda em grande parte por constituir, visto que, como dizia Lenin, só as pedras angulares foram colocadas; as dificuldades teóricas, nas quais nós nos debatêramos na noite do dogmatismo, não eram totalmente dificuldades artificiais, mas se deviam também em grande parte ao estado de não elaboração da filosofia marxista; melhor, nas formas rígidas e caricaturais que havíamos

⁶ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 20.

suportado ou mantido, e até na monstruosidade teórica das duas ciências, algo de um problema não resolvido estava, com uma presença cega e grotesca, realmente presente, bastam-me como testemunhas as obras do esquerdismo teórico (o jovem Lukács e Korsch) recém-publicadas; e, finalmente, nosso destino e nossa tarefa hoje é simplesmente colocar e enfrentar esses problemas à luz do dia, se queremos dar um pouco de existência e de consistência teórica à filosofia marxista⁷.

A partir disso, a preocupação teórica se desenvolveu como a necessidade de identificar o momento exato do surgimento do materialismo histórico e do materialismo dialético; nas palavras de Althusser, precisar o *corte epistemológico*. Todo esse trabalho tem uma genuína preocupação: *impor a prosperidade do conhecimento verdadeiro*, a qual se dá a partir da limpeza da ideologia que assedia a ciência. É o que nos diz, com todas as letras, nosso filósofo:

Todo esse trabalho crítico é, portanto, indispensável não só para poder ler Marx de outro modo que não uma leitura imediata, presa quer nas falsas evidências dos conceitos ideológicos da juventude, quer nas falsas evidências, talvez ainda mais perigosas, dos conceitos aparentemente familiares das Obras do corte. Esse trabalho necessário para ler Marx é, ao mesmo tempo, no sentido estrito, o trabalho de elaboração teórica da filosofia marxista. A teoria que permite ver claramente em Marx, distinguir a ciência da ideologia, pensar a diferença destas em sua relação histórica; pensar a descontinuidade do corte epistemológico no contínuo de um processo histórico; a teoria que permite distinguir uma palavra de um conceito; distinguir a existência ou a não existência de um conceito sob uma palavra; discernir a existência de um conceito pela função de uma palavra no discurso teórico; definir a natureza de um conceito por sua função na problemática, e, portanto, pelo lugar que ele ocupa no sistema da "teoria" - essa teoria que é a única a permitir uma autêntica leitura dos textos de Marx, uma leitura ao mesmo tempo epistemológica e histórica, não é efetivamente senão a própria filosofia marxista⁸.

⁷ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 22.

⁸ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 29

Enfim, o prefácio é esclarecedor de suas intenções. Althusser não só faz anunciar aquilo que pretendia desenvolver, mas justifica os motivos pelos quais se debruçou sobre um determinado objeto teórico. Fica claro, pois, que o escopo, de fato, não é outro senão atender a questões da prática política desse filósofo-membro do Partido Comunista. Assim, o que se espera encontrar nos artigos seguintes é justamente o *esforço de delimitação de uma teoria distante da ideologia*. Até aqui, porém, o que isso quer dizer, não se pode precisar. Deve-se, para tanto, procurar entender o que os conceitos *Teoria* e *Ideologia* designam no sistema de Louis Althusser. Vamos a isso.

Precisões conceituais necessárias

Deve-se começar agora, mais propriamente, a percorrer o caminho proposto para identificar o nascimento da Teoria da Ideologia de Althusser, que tem por sombra a proposta de uma epistemologia da ciência. Por esses termos, dos sete artigos de *Pour Marx*, apenas quatro têm alguma valia para este documento. O primeiro escrito, *Os “manifestos filosóficos” de Feuerbach* nada dizem que interessa aqui; o mesmo se dá com os artigos três, *Contradição e sobredeterminação (Notas para uma pesquisa)*, cinco, *Os “Manuscritos de 1844” de Karl Marx (Economia política e filosofia)* e sete, *Nota complementar sobre o “humanismo real”*.

Em sendo assim, chega-se ao primeiro artigo que se quer dar destaque: *“Sobre o jovem Marx” (Questões de teoria)*. No que importa, Althusser começa a sistematizar a procura anunciada em seu prefácio. Destarte, divide seu “argumento inicial” em três frentes diferentes. Num primeiro momento, trata de uma questão propriamente política, e diz que o debate epistemológico relativo às obras de juventude de Marx constitui-se, efetivamente, como um debate político, que tem o próprio marxismo por objeto. Em outras palavras, trata-se do embate pelo desejado uso tático que deve ser dado a essa arma teórica que é o marxismo, e mais, para onde será apontada a sua mira. Althusser registra que o princípio desse conflito é precisamente a forma de se olhar para

o Jovem Marx; ou seja, “se o Jovem Marx é já Marx e todo Marx”⁹. Quer dizer, se os textos de juventude de Marx já consagram o seu método científico e a sua nova filosofia, o materialismo histórico e o materialismo dialético – isto no esforço de precisar o momento do *corte*.

Ato contínuo, Althusser abre uma perspectiva teórica, pela qual pretende, aqui ainda no ano de 1960, introduzir a ideia do desenvolvimento de uma problemática teórica *dentro* do que chama de campo ideológico. Parte-se, pois, da constatação de que um campo ideológico organizado supõe e coloca as próprias problemáticas. É dentro dessa perspectiva que seria preciso observar o desenvolvimento de um pensamento individual, com suas problemáticas próprias, de tal forma a determinar se esse mesmo gênio individual converge com a problemática posta pelo campo ideológico dado, ou se faz dali surgir um novo sentido teórico à atividade intelectual que se forma.

A partir disso que Althusser abre uma terceira e última perspectiva, a qual cuidará de uma abordagem histórica. Por esses termos, trata-se de compreender que um gênio individual, um pensador, é posto em um “mundo dos pensamentos vivos de seu tempo, o mundo ideológico no qual ele nasce para o seu pensamento”¹⁰. Essa perspectiva impõe a compreensão de que existe um *mundo histórico concreto* no qual o ser pensante nasce para pensar. Assim, Althusser repousa Marx em seu próprio tempo, e identifica ali, corretamente, o tempo do idealismo alemão de Georg Wilhelm Friedrich Hegel – do qual, adianta-se, Marx soube se distanciar; ou seja, no curso de seu pensamento, soube organizar uma problemática distante da problemática entregue a ele, através da história concreta, pelo idealismo. *A primeira ideia conclusiva de Althusser que se quer fixar é a identificação de que esse afastamento de Marx do mundo que lhe foi dado provém, exatamente, do descobrimento, em seus anos exilado na França, da classe operária organizada.*

⁹ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 40.

¹⁰ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 57.

Nessa sintonia, Althusser poderá plasmar que tal descoberta se constitui como uma transcendência das barreiras de pensamento que a ideologia deformara. Parece que Althusser sugere que Marx, na França, descobre a realidade em si mesma, e que essa realidade, livre da nebulosidade da ideologia, permitiu que ele organizasse e identificasse um novo objeto para sua teoria: uma nova problemática, em seus termos de 1960. Ou seja, o contato com a prática da classe operária organizada livrou Marx das amarras ideológicas mistificadoras e das falsas questões postas pela filosofia hegeliana. Além disso, o permitiu atingir a visão da realidade e das perguntas corretas para as respostas necessárias ao seu já dado objetivo político: o comunismo. A oposição aqui da ideia de ideologia, cujo conceito se está por determinar, à ideia de ciência enquanto produção de conhecimentos, é total.

É a partir dessa premissa que se pode chegar ao sexto artigo do livro e o segundo de interesse, *Sobre a dialética materialista (Da desigualdade das origens)*. Nele, Althusser pretendeu acertar contas com duas de suas mais criticadas teses acerca do marxismo. A primeira, a distância de Marx em relação à Hegel, que é, aqui, a distância entre uma problemática teórica ideológica, caducante, e uma nova filosofia, com predicados científicos – colocada pelo artigo que se acabou de reconstruir –, e a segunda referente à propositura do conceito de “contradição determinada”, sobre o que este artigo não tem necessidade de trabalhar.

A distância entre Marx e Hegel, diz Althusser, é um problema teórico. Dessa forma, não é surpreendente a revelação de que ele demande uma solução teórica, a qual deve tratar de fornecer “um conhecimento novo, organicamente vinculado aos outros conhecimentos da teoria marxista”¹¹. Nada obstante, Althusser relata que, muito embora o problema da distância entre Marx e Hegel seja um problema teórico, e que deve assim ser enunciado, para ele, já existe uma solução na própria prática do marxismo.

A elaboração althusseriana é bastante complexa. O que se quer dizer aqui não é mais do que o fato de que a teoria marxista, ela mesma, cumpre de fixar essa distância a partir

¹¹ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 134.

da elaboração de seus próprios conhecimentos. Em outras palavras, trata-se de entender que os conhecimentos produzidos pelo marxismo mostram, por eles mesmos, a distância dos conhecimentos produzidos pelo idealismo de Hegel. Ou seja, o descompasso de uma problemática colocada por um campo ideológico, o idealismo, e uma problemática teórica, que se reporta diretamente à realidade, o marxismo, fica demonstrado pelos próprios enunciados desta teoria, a qual, pelo seu contato imediato com a realidade, é capaz de desprender-se do engano ideológico. Contudo, isso não é suficiente.

Por isso, Althusser diz que a enunciação teórica desse problema, já posto e já resolvido pela prática teórica, é indispensável. Mas, por que assim seria? Em uma linguagem bastante prosaica, pode-se dizer que essa elaboração teórica esclarece a distância em questão; mais que isso, conhece a distância e dá a ela uma realidade pensada, segurança de ser.¹² Contudo, a resposta de Althusser, mesmo que a isso convergente em sentido, é distante em palavras.

Sem exagero algum, pode-se dizer que a elaboração teórica dessa distância entre Marx e Hegel é, para Althusser, a própria prova da cientificidade do marxismo – daí sua rigorosidade para com essa tarefa:

Esse simples *enunciado* teórico de uma solução existente em estado prático não é, porém, evidente: exige um trabalho teórico real que não só elabore o *conceito* específico, ou *conhecimento*, dessa resolução prática – mas ainda destrua realmente, por uma crítica radical (até sua raiz teórica), as confusões, ilusões ou aproximações ideológicas que podem existir. Esse *simples* "enunciado" teórico implica, portanto, num único movimento, a *produção* de um conhecimento e a *crítica* de uma ilusão¹³.

¹² É o que se destaca do trecho: "mas por que tantos cuidados para enunciar uma "verdade" "conhecida" há tanto tempo?, responderemos, tomando ainda aqui a palavra em seu sentido rigoroso: a existência dessa verdade é assinalada, reconhecida há muito tempo, mas ela não é conhecida. Pois o reconhecimento (prático) de uma existência não pode passar, salvo dentro dos limites de um pensamento confuso, por um conhecimento (ou seja, por teoria). E se se perguntar então: mas de que nos serve colocar esse problema na teoria, visto que sua solução existe há muito tempo em estado prático? Por que dar, dessa solução prática, um enunciado teórico de que a prática pôde tão bem prescindir até aqui? E o que temos a ganhar, que já não possuíssemos, com essa pesquisa "especulativa"?". ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 135.

¹³ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 135.

Ato contínuo, Althusser sugere a incorporação de um ensinamento de Lênin para o debate: a imprescindibilidade da teoria à prática revolucionária. De forma bastante confusa, Althusser começa aqui a tratar da teoria marxista como essa própria prática revolucionária (ou seja, revolucionária em termos teóricos), o que depois virá a demonstrar. Entretanto, sabe-se que Lênin fala da prática política do movimento da classe operária organizada. Althusser, porém, escolhe misturas as coisas para encaminhar seu argumento; isso porque passará a discorrer sobre qual esforço teórico é indispensável à prática (querendo se referir, insistimos, à prática teórica e não à prática política da classe trabalhadora). Para isso, será obrigado a descrever o que entende por prática e como a teoria aí se organiza.

Althusser registra que por prática entende “todo processo de *transformação* de uma matéria-prima determinada em um *produto* determinado, transformação efetuada por um trabalho humano determinado, utilizando meios (de “produção”) determinados”¹⁴, sendo que o determinante nessa estrutura é o próprio trabalho de transformação.

O encaminhamento do argumento se dá a partir da verificação de que esse conceito comporta a noção de que podem coexistir diversas práticas dentro de uma mesma totalidade complexa. Tal é, justamente, o conceito de *prática social*, a qual tem uma prática determinante em última instância, que é “a de transformação da natureza (matéria-prima) dada em produtos de uso pela atividade dos homens existentes, trabalhando mediante o emprego metodicamente regulado de meios de produção determinados, no âmbito de relações de produção determinadas”¹⁵, ou seja, a prática da produção, ou ainda, o *modo de produção*.

Em que pese haver uma prática determinante em última instância, para o sistema de Althusser é de primeira importância o fato de que a prática social comporta outros níveis essenciais, quais seja, a prática política, a prática ideológica¹⁶ e, por fim, a prática teórica.

¹⁴ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 136.

¹⁵ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 136.

¹⁶ Althusser, curiosamente, registra a importância de se considerar a ideologia uma prática, ou seja, um trabalho de transformação.

Com isso, tem-se todo o necessário para tocar o conceito de teoria que se persegue. Althusser dirá que:

Por teoria, entenderemos, portanto, uma forma específica da prática, pertencente também ela à unidade complexa da "prática social" de uma sociedade humana determinada. A prática teórica encaixa-se na definição geral da prática. Ela trabalha uma matéria-prima (representações, conceitos, fatos) que lhe é dada por outras práticas, sejam elas "empíricas", "técnicas", ou "ideológicas"¹⁷.

Em uma palavra, a elaboração intelectual é também um trabalho de transformação. O nó górdio do objeto desse artigo chega agora: Althusser define ciência como uma prática teórica que tem uma matéria-prima muito bem delimitada. A prática teórica, pois, se divide qualitativamente de acordo com o objeto que toma para seu processo de trabalho, de tal forma que possa ser ela ideológica, a qual vai trabalhar um objeto dado a ela pela prática ideológica, ou ser uma prática teórica científica.¹⁸ Essa divisão, verdadeiramente, se revela como uma "descontinuidade 'qualitativa'"¹⁹. Nesse sentido, para que possa cuidar apenas do que considera uma prática científica, Althusser se coloca além da fronteira dessa descontinuidade, ou, como chama, do *corte epistemológico*.

Já de posse dessa nova posição, está apto a precisar a matéria-prima que a ciência trabalha. Juntando as peças de seu argumento, tem-se que a prática científica produz verdades científicas a partir das atividades concreta dos homens, sendo estas seu objeto de trabalho. Pedagogicamente, aqui, *a ciência transforma os fatos em conhecimentos*.

Nem de perto, o argumento de Althusser é tão claro e simplista dessa forma. A essa altura, é mandatório relembrar que Althusser invoca o argumento de Lênin apenas para

¹⁷ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 136.

¹⁸ É o que se lê: "Em sua forma mais geral, a prática teórica não abrange somente a prática teórica científica, mas igualmente a pré-científica, ou seja, "ideológica" (as formas de "conhecimento" constituindo a pré-história de uma ciência e suas "filosofias"). A prática teórica de uma ciência distingue-se sempre nitidamente da prática teórica ideológica de sua pré-história: tal distinção toma a forma de uma descontinuidade "qualitativa" teórica e histórica, que podemos designar, com Bachelard, pela expressão "corte epistemológico". ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 136-137.

¹⁹ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 137.

demonstrar qual é a teoria que, de fato é indispensável à prática teórica. Assim, tem-se que para concluir o exposto no parágrafo anterior, Althusser desenvolve mais dois conceitos. Diz que “teoria”, entre aspas mesmo, designa o sistema teórico de uma ciência real, o qual se compõe de seus conceitos organizados em uma unidade “mais ou menos contraditória num momento dado”²⁰, e exemplifica com a “teoria” do materialismo histórico. Importa reparar que Althusser sugere que os conceitos, componentes de um sistema teórico, refletem as condições e os meios – os resultados – da própria prática teórica dessa “teoria”; ou seja, a ciência produz seu próprio substrato.

Ao lado desse primeiro conceito, organiza o conceito de Teoria, que designa a Teoria da prática em geral, que deve ser elaborada pela Teoria das práticas teóricas existentes. Quer dizer, os resultados das práticas teóricas criam conhecimentos que elaboram acerca de sua própria existência. Exemplo é a produção da distância entre Marx e Hegel, que existe em estado prático, conforme relatado, e que, uma vez elaborado, organiza uma outra categoria de conhecimento que toma a prática ela mesma por objeto. O circuito do pensamento de Althusser se fecha. E, uma vez que estivera tratando da relação do marxismo com sua própria prática teórica, designa que essa “Teoria é a dialética materialista que não se separa do materialismo dialético”²¹.

Enfim, conclui que, ao se voltar para uma prática teórica revolucionária, que em sua própria prática coloca e resolve seus problemas, pode-se elaborar conhecimentos teóricos. Essa elaboração, contudo, só tem valor se promover cientificidade. Daí que à prática teórica revolucionária, o marxismo, deve se vincular a Teoria da prática em geral, que é a dialética marxista – a nova filosofia que Marx teria fundado. Em suma, a enunciação teórica, que elabora um conhecimento (portanto, é ciência), se imiscui na relação entre um sistema teórico e sua própria prática (trabalho de transformação). É o que se lê num trecho longo, mas indispensável:

²⁰ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 137.

²¹ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 137.

Quando Lenin diz "sem teoria, não há ação revolucionária", fala de uma "teoria", a da ciência marxista do desenvolvimento das formações sociais (materialismo histórico). Essa formulação encontra-se em *Que fazer?*, onde Lenin examina as medidas de organização e os objetivos do partido social-democrata russo em 1902. Ele luta naquele momento contra uma política oportunista a reboque da "espontaneidade" das massas: ele quer transformá-la numa prática revolucionária, fundada na "teoria", ou seja, na ciência (marxista) do desenvolvimento da formação social considerada (a sociedade russa daquele tempo). Mas, ao enunciar essa tese, Lenin faz mais do que diz: relembrando à prática política marxista a necessidade da "teoria" que a fundamenta, ele enuncia de fato uma tese que interessa à Teoria, ou seja, à Teoria da prática em geral: a dialética materialista.

É nesse duplo sentido que a teoria importa à prática. A "teoria" importa à sua própria prática, diretamente. Mas a *relação* de uma "teoria" com sua prática, na medida em que essa relação está em causa, interessa também, com a condição de ser refletida e enunciada, à própria Teoria geral (a dialética), em que está expressa teoricamente a essência da prática teórica em geral, e por meio dela a essência da prática em geral, e por meio dela a essência das trans- formações, do "devir" das coisas em geral²².

Aqui há, mesmo que muito incertamente, duas ordens de cientificidade. A primeira é a da própria "teoria" que transforma o seu objeto fatos, atividade concreta dos homens, em conhecimento. A segunda diz respeito a produção de conhecimentos a partir do trabalho sobre os conceitos de uma "teoria". A primeira carrega o nome de prática teórica científica, ou ciência, e a segunda o nome de Teoria da prática em geral, ou dialética materialista. Assim, começa a ficar claro o porquê Althusser destacou que existiam três tipos de matéria-prima da prática teórica: as representações, os conceitos e os fatos.

Deve-se registrar a razão pela qual a dialética materialista é importante; em outras palavras, porque a teoria é importante à prática. A resposta é objetiva: assim como não se pode confiar na espontaneidade da organização da classe operária, não se poderia confiar na espontaneidade das práticas teóricas existentes, *precisamente porque a matéria-prima da ciência, os fatos, sofrem constante assédio ideológico*. Em uma palavra, o materialismo

²² ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 137-138.

dialético coloca a ciência que o acompanha, o materialismo histórico, na trilha da cientificidade²³.

Antes de mais, é importante destacar uma outra elaboração acerca da prática teórica que vai acompanhar Althusser até o fim de sua trajetória intelectual, mesmo que tal estruturação não faça o argumento aqui desenvolvido avançar.

Ao tratar do método do materialismo histórico a partir do pequeníssimo excerto de Marx sobre seu método, e no interesse de explicar as relações entre matéria-prima, processo de trabalho e produto da prática teórica, Althusser elabora os conceitos de Generalidade I, Generalidade II e Generalidade III. Dessa forma, a matéria-prima trabalhada pela ciência será chamada de Generalidade I, enquanto os produtos daí advindos, os conceitos dentro dessa “teoria”, desse sistema teórico, serão designados Generalidade III; finalmente, a “abstração dos homens”²⁴ comporá os meios de produção dessa prática, e receberá o nome de Generalidade II. Essa esquemática não muda em nada o raciocínio anterior, apenas lhe atribui uma gama de nomenclaturas necessárias ao estudioso da obra de Louis Althusser.

²³ Tais conclusões se destacam da seguinte passagem: “No entanto, e essa tese é essencial ao marxismo, não basta rejeitar o dogmatismo da aplicação das formas da dialética e confiar na espontaneidade das práticas teóricas existentes, pois sabemos que não existe prática teórica pura, ciência totalmente nua, que estaria para sempre em sua história de ciência, preservada por sabe-se lá qual graça de ameaças e ataques do idealismo, ou seja, das ideologias que a assediam; sabemos que não existe ciência “pura” a não ser com a condição de purificá-la incessantemente, ciência livre dentro da necessidade de sua história, a não ser com a condição de libertá-la incessantemente da ideologia que a ocupa, a habita ou a vigia. Essa purificação, essa libertação são adquiridas apenas ao custo de uma incessante luta contra a própria ideologia, ou seja, contra o idealismo, luta cujas razões e cujos objetivos a Teoria (o materialismo dialético) pode esclarecer e guiar como nenhum outro método no mundo. O que dizer então da espontaneidade dessas disciplinas de vanguarda triunfantes; consagradas a interesses pragmáticos precisos; que não são rigorosamente ciências, mas pretendem sê-lo porque empregam métodos “científicos” (definidos, porém, independentemente da especificidade de seu objeto presumido); que pensam ter, como toda verdadeira ciência, um objeto, quando não lidam senão com uma determinada realidade, cuja posse, aliás, várias “ciências” concorrentes disputam: um determinado domínio de fenômenos não constituídos em fatos científicos e, logo, não unificado; disciplinas que não podem, em sua forma atual, constituir verdadeiras práticas teóricas, porque têm, no mais das vezes, apenas a unidade de práticas técnicas (exemplos: a psicossociologia, a sociologia e a própria psicologia em inúmeros de seus ramos).’ A única Teoria capaz de levantar-se não de colocar a questão prévia dos títulos dessas disciplinas, de criticar a ideologia em todos os seus disfarces, inclusive os disfarces das práticas técnicas em ciências, é a Teoria da prática teórica (em sua distinção da prática ideológica): a dialética materialista, ou materialismo dialético, a concepção da dialética marxista na sua especificidade”. ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 139.

²⁴ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 150.

Enfim, destrinchou-se aquilo que se pretendia para esclarecer a defesa de Althusser acerca da distância entre Marx e Hegel. Agora, tem-se claro que a “teoria” do materialismo histórico se constitui junto à Teoria da prática em geral, o materialismo dialético, e, dessa forma, lhe é garantido o status de sistema teórico científico. Tal fortuna apenas se verifica pela capacidade do materialismo dialético ter garantido o distanciamento de Karl Marx, no curso de sua prática teórica, da problemática do campo ideológico idealista. Este, uma realidade histórica concreta, que constituía uma prática teórica pré-científica, na medida em que seu objeto de investigação não era as atividades concretas dos seres-humanos reais, mas tão somente, uma representação ideológica delas.

Ora, é latente o fato de que, para Althusser, a prática teórica científica se define pelo distanciamento do conceito de ideologia. Por isso, é indispensável que se fixe este último tal como tratado em *Pour Marx*, a fim de não só melhor compreender a ideia de ciência, mas também para que se possa fazer, posteriormente, o balanço do conceito de ideologia em sua obra mais tardia.

É assim, pois, que se chega ao sétimo artigo do livro, *Marxismo e Humanismo*, cujas considerações, centrais ao conceito de ideologia, terão o suporte do quinto artigo, *O “Piccolo”, Bertolazzi e Brecht (Notas sobre um teatro materialista)*. Nesse momento, as atenções de Althusser se voltam ao enfrentamento daquele que considera, talvez, o principal assédio contra a cientificidade do marxismo: o humanismo. Isso porque, como ficará claro na segunda metade deste artigo, o humanismo afronta a possibilidade do conhecimento, por parte de uma teoria que tem a sociedade por matéria-prima, de suas verdadeiras determinantes. Novamente, do modo mais mezinho possível, o humanismo plasma a centralidade de um ser-humano, abstrato e idealizado, na organização social; nada obstante, a investigação científica revela que o alicerce de uma sociedade é, de fato, seu modo de produção.

Assim, Althusser irá explicar a razão pela qual o humanismo é um conceito ideológico e, através disso, será possível tocar a definição esperada de ideologia. Nesse sentido, comenta que:

Ao dizer que o conceito de humanismo é ideológico (e não científico), afirmamos ao mesmo tempo que ele designa um conjunto de realidades existentes, mas que, diferentemente de um conceito científico, não dá os meios de conhecê-las. Ele designa, de um modo particular (ideológico), existências, mas não dá a essência delas²⁵.

Ou seja, a ideologia organiza ela também uma realidade – porém, essa realidade não dá a essência das coisas. Conforme relatado, Marx, uma vez inserido no mundo dos pensamentos vivos, partiu dessa realidade. Contudo, foi capaz de fundar efetivamente uma nova problemática, “uma nova maneira sistemática de colocar questões ao mundo, novos princípios e novos métodos”²⁶. Essa descoberta assombrosa teria implicado necessariamente uma nova filosofia; tal disciplina cumpriu de fixar novos parâmetros de observação que sustentassem um sistema teórico novo, como, por exemplo, a substituição do par indivíduos-essência humana por novos conceitos, como forças produtivas e relação de produção. Assim, a prática teórica científica de Marx, pelo tudo que foi visto, depende do reconhecimento do humanismo como uma ideologia. E, nesse momento de seu argumento, Althusser destaca seu conceito de ideologia:

Basta saber muito esquematicamente que uma ideologia é um sistema (com sua lógica e seu rigor próprios) de representações (imagens, mitos, ideias ou conceitos, conforme o caso) dotado de uma existência e de um papel históricos no interior de uma sociedade dada. Sem entrar no problema das relações de uma ciência com seu passado (ideológico), digamos que a ideologia como sistema de representações se distingue da ciência pelo fato de que, nela, a função prático-social prevalece sobre a função teórica (ou função de conhecimento)²⁷.

Traduzindo, até aqui, ideologia é um sistema de representações cuja inflexão prática é maior do que o conhecimento da realidade. Althusser prossegue e, sugere que a ideologia compõe organicamente a totalidade social, de tal forma a ser “uma estrutura

²⁵ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 185.

²⁶ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 190.

²⁷ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 192.

essencial à vida histórica das sociedades”²⁸. Nesse momento, pode-se perceber que a ideologia é indispensável à vida em sociedade e só o pode sê-lo através de seu apelo à prática, que a distancia das divagações especulativas do conhecimento.

Tal fica bem ilustrado em *O “Piccolo”, Bertolazzi e Brecht (Notas sobre um teatro materialista)*, onde Althusser desenvolve o problema da ideologia como conhecimento espontâneo do mundo. Com efeito, registra nesse artigo uma das características basilares da ideologia, da qual se destaca a maneira como o mundo pode fazer sentido espontaneamente para o sujeito que nele vive: precisamente, o que Althusser chama de ideologia espontânea. Em seus termos:

O que é a ideologia de uma sociedade ou de um tempo senão a consciência de si dessa sociedade ou desse tempo, quer dizer, uma matéria imediata que implica, procura, e naturalmente encontra espontaneamente sua forma na figura da consciência de si, vivendo a totalidade de seu mundo na transparência de seus próprios mitos?²⁹

Retomando. *Marxismo e Humanismo* prossegue, e, agora, Althusser pretende adentrar no modo de operação da ideologia. Daí que irá tentar demonstrar que, justamente por ser um sistema de representações, ou seja, imagens, conceitos etc., que a ideologia se impõe à maioria das pessoas como uma estrutura inconsciente. Veja:

São objetos culturais percebidos-aceitos-suportados, que atuam funcionalmente sobre os homens por um processo que lhes escapa. Os homens “vivem” sua ideologia como o cartesiano “via” ou não via - se não estava olhando para ela - a Lua a duzentos passos: de maneira nenhuma como uma forma de consciência, mas como um objeto do seu “mundo” - como seu próprio “mundo”³⁰.

²⁸ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 193.

²⁹ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 117.

³⁰ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 193.

Esse sistema de representações, portanto, ao se impor além da possibilidade de consciência – que, diga-se de passagem, é um lugar filosófico iluminista e burguês³¹ – plasma o modo pelo qual as pessoas vivem suas ações. A “ideologia se refere, portanto, à relação vivida dos homens com seu mundo”³², e isso, pelo óbvio, se estabelece de maneira a dar um sentido *espontâneo, natural*, ao estar no mundo, tal como aponta em no referido quinto artigo da obra.

Tem-se que *a ideologia é um sistema de representações que, operando além da consciência dos seres-humanos, estrutura a forma pela qual irão, esses mesmos seres-humanos, experimentar suas relações com o mundo*. Aqui, a dimensão prática-funcional da ideologia. Porém, isso, por pouco, não é tudo. Althusser é rigoroso em precisar que esse sistema de representações se organiza não como a forma pela qual os seres-humanos se relacionam com suas condições de existência, mas a maneira pela qual vivem sua relação com suas condições de existência. Nas palavras dele:

A ideologia é, então, a expressão da relação dos homens com seu “mundo”, ou seja, a unidade (sobredeterminada) de sua relação real e de sua relação imaginária com suas condições de existência reais. Na ideologia, a relação real está inevitavelmente investida na relação imaginária: relação que mais exprime uma vontade (conservadora, conformista,

³¹ Em seu artigo *Marx e Freud* pontua: “Essa ideologia do homem como sujeito, cuja unidade está assegurada ou coroada pela consciência, não é uma ideologia fragmentária qualquer, é simplesmente a *forma filosófica da ideologia burguesa*, a qual dominou a História durante cinco século e que, embora hoje em dia não tenha a mesma força que antes, reina, ainda, em amplos setores da filosofia idealista e constitui a filosofia implícita na Psicologia, na Moral e, inclusive, na Economia Política”. ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan. Marx e Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 84. Além disso, reforçando a cientificidade da psicanálise, sugere: “[...] Freud nos oferece o exemplo, assim como Marx de um pensamento *materialista e dialético*. Se a tese mínima que define o materialismo é a existência da realidade fora do pensamento ou da consciência, Freud é, desde o início, materialista, já que nega a primazia da consciência, não só no conhecimento, mas também na *própria consciência*, e nega, além disso, a primazia da consciência na Psicologia, para pensar o *aparelho psíquico* como um todo, em que o ego, ou o *consciente*, nada mais é senão uma instância, parte ou efeito. Em um nível mais geral, a oposição de Freud a todo idealismo, ao espiritualismo e à religião, mesmo se esta se disfarça da moral, é bem conhecida”. ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan. Marx e Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 77.

³² ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 194.

reformista ou revolucionária), até mesmo uma esperança ou uma nostalgia, do que descreve uma realidade³³.

Muito vulgarmente, esse sistema de representações incide sobre a relação, sobre o vínculo, e a forma de experimentar esse vínculo, e não diretamente entre o ser-humano e as condições reais de existência. O exemplo de Althusser esclarece bem as dúvidas. Vejamos:

Na ideologia da *liberdade*, a burguesia vive assim exatamente sua relação com suas condições de existência; ou seja, sua relação real (o direito da economia capitalista liberal), *mas investida por uma relação imaginária* (todos os homens são livres, inclusive os trabalhadores livres). Sua ideologia consiste nesse *jogo de palavras sobre a liberdade*, que revela tanto a vontade burguesa de mistificar seus explorados ("livres"!) para mantê-los sob controle, pela chantagem da liberdade, quanto a necessidade da burguesia de viver sua própria dominação de classe como a liberdade de seus próprios explorados. Assim como um povo que explora outro não poderia ser livre, igualmente uma classe que se serve de uma ideologia está, também, submetida a ela³⁴.

Ou seja, a materialidade das relações de produção não está comprometida. De fato existem indivíduos que compram e vendem a força de trabalho. O que a representação ideológica faz é determinar o modo pelo qual operários e burgueses representam essa relação; as relações ideológicas estruturam tal condição real como uma prerrogativa da liberdade dos seres-humanos; daí a ideia de que a ideologia cria também uma realidade. A liberdade, mecanismo ideológico que envolve o assalariamento, compõe a ideologia dominante, sendo que sua condição prático-funcional é determinante. Isso pois:

Quando se fala da função de classe de uma ideologia, é preciso, portanto, compreender que a ideologia dominante é efetivamente a ideologia da classe dominante, e que ela lhe serve não só para dominar a classe explorada, mas também para se constituir ela mesma como

³³ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 194.

³⁴ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 195.

classe dominante, fazendo-a aceitar como real e justificada sua relação vivida com o mundo³⁵.

Assim, o sistema de representação em questão cumpre seu papel de consolidar a dominação de uma classe por outra, organizando cada uma em seus papéis sociais devidos. Enfim, a conclusão: “*a ideologia (como sistema de representação de massa) é indispensável a toda sociedade, para formar os homens, transformá-los e colocá-los em situação de responder às exigências de suas condições de existência*”³⁶.

De posse do conceito de ideologia, pode-se encaminhar esse tópico. A distância de uma prática teórica científica e de uma prática teórica pré-científica consiste no fato de que esta elabora uma mera *representação*, de tal modo que seja incapaz de produzir conhecimentos verdadeiros; os conhecimentos produzidos giram em falso e respondem a questões da ideologia. Já a prática teórica científica, ao menos aquela que tem a sociedade por objeto, é capaz de dispensar as representações ideológicas e tocar a realidade da atividade concreta dos homens. Dessa forma, é necessário que se esteja distante dos enganos da ideologia, ao menos que se seja capaz de reconhecê-los, a fim de que se possa estabelecer as questões adequadas ao método científico.

É nesse sentido que a “teoria” do materialismo histórico, ao se distanciar do humanismo, que fundamenta teorias pré-científicas, como a liberal, produz conhecimentos objetivos. Vigiar a, o materialismo dialético, que elabora os passos do materialismo histórico, o preserva do assédio ideológico, falsificador do olhar para a realidade. Eis os conceitos de teoria e ideologia na obra inicial de maior impacto de Louis Althusser.

Feridas de um programa de pesquisa

³⁵ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 195.

³⁶ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 195.

Angustiantemente, ao final desse tortuoso e cansativo caminho de estudo, muitas incertezas subsistem no contexto da Teoria da Ideologia de Louis Althusser. A conclusão não responde, em absoluto, a forma pela qual Marx teria sido capaz de se distanciar da ideologia, ou seja, o sistema de representação que engloba e estrutura toda a sociedade.

É verdade que Althusser ensaia uma resposta no segundo artigo do livro. Lá, infere que foi o contato com a classe operária organizada que teria permitido esse distanciamento. Disso, dever-se-ia concluir que a proximidade com os trabalhadores e, mormente, com sua luta, afastaram a ideologia, tiraram Marx de suas nebulosas representações. Entretanto, pelo seu próprio conceito, é incerto o modo que esse afastamento seria possível; quer dizer, a robustez do conceito de ideologia, até mesmo pelo número de páginas que lhe foi dedicado, ainda não permite que se entenda o modo pelo qual se está submetido ou não a ela.

Felizmente, no posfácio, que data de outubro de 1967, Althusser, ainda preocupado com a própria atividade intelectual, faz um esforço de autocrítica. Nesses termos, reforça o fato de que seus escritos se desenvolveram como uma forma de intervenção na conjuntura da prática política do Partido e que, por isso, ele mesmo “[...] não estava em condições de tratar convenientemente certas questões [...]”³⁷.

Após, assinala que o estudo que fez acerca da articulação entre teoria e prática revolucionária dizia respeito apenas à forma de incidência da teoria na prática teórica marxista, e não à união da teoria marxista e do movimento operário, nos estritos termos leninistas. Além disso, registra que foi insuficiente em demonstrar a especificidade da filosofia em relação à ciência, ou seja, não mostrou “claramente o que distingue, nesse sentido, a filosofia marxista das filosofias anteriores”³⁸.

Por isso, no último parágrafo do posfácio registra o compromisso de retomar essas duas pontas soltas, que, em verdade, estão relacionadas, em seus estudos vindouros. A esse acerto de contas é ao que este artigo deve se debruçar agora.

³⁷ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 214.

³⁸ ALTHUSSER, L. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. p. 215.

Ciência e ideologia. Materialidade e ciência

Desenvolvimentos da Teoria da Ideologia

O compromisso anunciado de resolver algumas lacunas de sua teoria culminaria na confecção da obra mais difundida de Louis Althusser, *Idéologie et Appareils Idéologiques d'État*, parcela organizada para a publicação de um manuscrito muito mais extenso, intitulado *Sur la reproduction*, datado de 1970. Nesse artigo, Althusser está preocupado, se usarmos os termos de *Pour Marx*, em observar a prática determinante em última instância da prática social, ou seja, a prática produtiva ou o modo de produção. Curiosamente, daqui sairá os termos acabados de sua Teoria da Ideologia.

No interesse de elaborar seu objeto, Althusser percebe que o olhar para a produção é mais feraz quando se volta a ela através da reprodução das condições de produção. Nesse sentido, a partir do materialismo histórico, é capaz de destacar que isso se dá através da *reprodução das forças produtivas* e das *relações de produção existentes*.

No que diz respeito à reprodução das forças produtivas – composta de objetos de trabalho, instrumentos de produção e a força de trabalho –, tem-se, num primeiro momento, a necessidade da reprodução das condições materiais da produção. Isso, porém, é pouco interessante. A atenção de Althusser irá, de fato, deter-se sobre a reprodução da força de trabalho.

Assim, revela que “a reprodução da força de trabalho passa-se, no essencial, fora da empresa”³⁹. Esse processo é dúplice: cumpre não apenas garantir à força de trabalho as condições materiais de sua reprodução, mas, destacadamente, assegurar a reprodução da força de trabalho “segundo as exigências da divisão social-técnica do trabalho em seus diferentes ‘postos e empregos’”⁴⁰. Quer dizer, trata-se de um olhar sobre a reprodução da força de trabalho que não se preocupa apenas com suas necessidades materiais, mas que

³⁹ ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 255.

⁴⁰ ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 256.

também se detém sobre as *qualificações necessárias ao capital e ao seu processo de valorização*, sejam elas operacionais, técnicas ou estratégicas.

Ainda mais, Althusser precisa que é no sistema escolar capitalista, mesmo que também em algumas outras instâncias e instituições, que esses “savoir-faire”⁴¹ são aprendidos. O fundamental é compreender que isso repousa sobre a reprodução de uma submissão às regras estabelecidas pelo capital. Dessa forma, através dessa submissão, os agentes da produção devem agir de uma forma tal a ocuparem seus postos na produção e cumprirem *conscientiosamente* suas tarefas. Enfim, “a reprodução da força de trabalho faz aparecer, assim, como sua condição *sine qua non*, não só a reprodução de sua ‘qualificação’, mas também a reprodução de seus submetimento à ideologia dominante, ou da ‘prática’ dessa ideologia”⁴².

Fixado os móveis da reprodução das forças produtivas, passa a observar a forma de *reprodução das relações de produção* – que, em uma sociedade de classes, são relações de propriedade dos meios de produção. Para isso diz precisar fazer um desvio, e começa respondendo à uma “velha pergunta: o que é uma sociedade?”⁴³.

Sem demora, o filósofo francês revela:

[...] que Marx concebe a estrutura de qualquer sociedade como constituída pelos “níveis” ou “instâncias”, articulados por uma determinação específica: a *infraestrutura* ou base econômica (“unidade” das forças produtivas e das relações de produção), e a *superestrutura*,

⁴¹ Os exemplos dados são elucidativos: “[...] aprendem-se na Escola as ‘regras’ das boas maneiras, isto é, da conveniência que todo agente da produção deve observar, segundo o posto que lhe é ‘destinado’: regras de moral, de consciência cívica e profissional, o que significa dizer, de forma clara, regras de respeito à divisão social-técnica do trabalho e, no final das contas, regras da ordem estabelecida pela dominação da classe. Também aprende-se aí a ‘falar corretamente a língua materna’, ‘redigir’ bem, isto é, de fato (para os futuros capitalistas e seus servidores) ‘saber dar ordens’, ou seja (solução ideal), ‘saber falar’ aos operários etc.”. ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 257.

⁴² ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 257.

⁴³ ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 258.

que comporta em si mesma dois “níveis” ou “instâncias”: o jurídico-político (o direito e o Estado) e a ideologia (as diferentes ideologias, religiosas, moral, jurídica, política etc.)⁴⁴.

Com essas palavras, Althusser localiza o argumento de que cabe à *superestrutura*, o papel de reprodução das condições de produção. Ao lado disso, demonstra a centralidade, no capitalismo, da reprodução da força de trabalho à compreensão de seu funcionamento. Nesse movimento, destaca a reprodução qualificada da força de trabalho, que, conforme relatado, é a adesão desta aos ritos do processo produtivo – isto é, aos rituais, práticas, atos cotidianamente realizados de forma automática e consentida por cada trabalhador em todas as esferas de suas vidas.

A fórmula de Althusser estaria já disposta em sua completude, se o francês não tivesse destacado, além disso, o fato primordial de que o submetimento ideológico se processa através da prática de certas instituições que estão fora da produção: cuida-se dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE).

Para demonstrar sua descoberta, Althusser se volta à tradição marxista do estado, já que este é o cerne da superestrutura e, pois, o âmago das relações vinculadas à reprodução das condições de produção. Nela, descobre a distinção formal entre Poder de Estado e Aparelho de Estado. De modo sintético, o Poder de Estado opera em função dos objetivos de classe, pautando, assim, uma parcela do projeto de poder da classe hegemônica; nele, este artigo não se deterá. O Aparelho de Estado, de sua parte, realiza-se por suas funções repressivas, na medida em que organiza o Governo, a Administração, o Exército, a Polícia etc. É essa parcela da superestrutura que interessa ao artigo.

Althusser, entretanto, promoveu um desenvolvimento teórico – dando um salto da teoria descritiva à teoria propriamente dita – no âmbito da teoria do Estado. Tal progresso veio a se tornar indispensável ao entendimento e à análise das funções da superestrutura. Os limites desse avanço epistemológico são incomensuráveis. Nesse sentido, o filósofo dirá que

⁴⁴ ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 258.

Para fazer progredir a teoria do Estado, é indispensável levar em consideração não só a distinção entre *poder de Estado e aparelho de Estado*, mas também outra realidade que se situa manifestamente do lado do aparelho (repressor) de Estado, mas não se confunde com ele. Designaremos esta realidade pelo seu conceito: *os aparelhos ideológicos de Estado*⁴⁵.

O avanço foi permitido justamente porque, fiel ao método, Althusser perseguiu a tópica. Isto é, fixou-se na compreensão de que a reprodução das condições de produção é o prisma pelo qual se deve tecer as observações acerca da superestrutura. Voltou-se ao estado perguntando-se: como suas instituições são capazes de reproduzir as condições de produção? Destarte, tudo aquilo que se constitui como fator de coesão da ordem materialmente determinada, do que se destacada a reprodução da força de trabalho, deve assumir a responsabilidade para com seus motivos materiais de existência. Isso fica expresso na honestidade intelectual de Althusser para com o método. Veja.

Todos nós podemos facilmente nos convencer de que essa representação da estrutura de toda sociedade como um edifício que comporta uma base (infraestrutura) sobre a qual se erguem os dois “patamares” da superestrutura, é uma metáfora, mais precisamente, uma metáfora espacial: uma tópica. Como toda metáfora, esta sugere, faz ver alguma coisa. O quê? Justamente o seguinte: os andares superiores não poderiam “manter-se” (no ar) por si sós, se não repousassem precisamente sobre sua base⁴⁶.

Está-se, pois, em um momento em que a teoria marxista do estado ganha em capacidade analítica e crítica: o grande salto epistemológico dado pelo filósofo francês dentro da tradição marxista da teoria do Estado. Trata-se da análise de instituições que operam também no âmbito do Aparelho de Estado, mesmo que com ele não se confundam, na medida em que não funcionam majoritariamente através da operação da violência: mais uma vez, agora explicados, os AIE.

⁴⁵ ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 264.

⁴⁶ ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 258.

Dessa forma, o Aparelho de Estado deve, doravante, compreender dois corpos, um que represente sua faceta repressiva, e o outro que traduza sua faceta ideológica. Ou seja, além de compreender a dominação da classe hegemônica através da instrumentalização do Poder de Estado e do Aparelho repressivo de Estado – o terror de classe organizado –, Althusser demonstrou que a burguesia estabelece seu projeto de poder também através dos AIE; mais que isso, diz que eles desempenham papel central na coesão da sociedade capitalista e de suas relações produtivas tal como hodiernamente dispostas – na medida em que seu principal papel não é outro senão a interpelação ideológica para a conformação dos sujeitos à ideologia dominante, a fim de que possam ocupar seu devido lugar no processo produtivo, o qual constitui as relações de exploração capitalista.

Antes de mais, devemos proceder à necessária qualificação dos AIE. Por esses termos, destaca-se que há três elementos constituintes indispensáveis à sua compreensão; são eles: (i) a pluralidade de AIE; o que designa o fato de não haver centralização em suas atuações, de modo que possam operar de forma autônoma e ao mesmo tempo complementar, constituindo diversas “instituições” da sociedade, como normalmente são referidos pelas teorias não marxistas; (ii) o pertencimento, de forma majoritária, ao domínio privado; desse modo, são exemplos de AIE: “as Igrejas, os Partidos, os sindicatos, as famílias, algumas escolas, a maioria dos jornais, as empresas culturais, etc.”⁴⁷; e, finalmente, (iii) o fato de funcionarem substancialmente pela ideologia, de forma diversa do Aparelho repressivo, que opera fundamentalmente através da violência. Este último item mencionado constitui o aspecto nuclear dos AIE; ou seja, cuida-se do fato capaz de dar unidade a diversidade dos entes que compõe seus quadros. Além disso, reitera-se: os AIE possuem uma operação ideológica tal que, dentro do âmbito em que atuam, promovem – na esteira da lógica de conformação da superestrutura –, a partir das relações sociais que constituem, a continuidade das relações de produção.

Por outras palavras, os AIE possuem determinados elementos da ideologia dominante, que também pode ser tomada como ideologia de estado, que se realizam e

⁴⁷ ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 265.

existem mesmo no próprio Aparelho e, sobretudo, em suas práticas. Tais elementos, ao interpelarem os sujeitos, forjam subjetividades “adaptadas” e que até mesmo perseguem a sociabilidade capitalista. Em um discurso palatável, é o contato dos sujeitos (você e eu) com as práticas desses Aparelhos que nos coloca no rumo almejado pelas relações de exploração capitalista. Revela-se, portanto, o local e o modo de operação da reprodução qualificada da força de trabalho.

Retomando a tradição marxista do estado, Althusser vê-se forçado a lembrar que toda luta política de classes gira, e assim sempre o fez, em torno da forma-estado. Ou seja, que a luta de classes objetiva a tomada do Poder de Estado para pôr fim à dominação de classe que nele se alicia. Para tal, sabe-se desde Lênin, em seu *O Estado e a revolução*, que se faz necessário tomar o Aparelho de Estado, no que se incluem seus AIE, os quais são, ao fim e ao cabo, a realização, a existência de formações ideológicas que os dominam. Assim, toda classe dominante, deve fazer com que sua ideologia envolva os AIE para que operem em conformidade com seu projeto de dominação. No caso do modo de produção capitalista, para que os sujeitos sejam constituídos de forma tal que se reproduza e estenda a subsunção do trabalho ao capital.

É indispensável o entendimento desse avanço da teoria marxista do estado, de forma a consolidar os AIE e a materialidade de suas práticas. Além disso, é imprescindível mesmo compreender o fato de que todos os AIE concorrem para a reprodução das condições de produção capitalista.

Até aqui, tem-se apenas o fato de que os AIE operacionalizam a ideologia – e não propriamente a definição desse conceito para Althusser nesta obra. Cumpre, pois, demonstrar do que se trata a ideologia, ou seja, o que é operado pelos AIE. Por esses termos, é necessário fixar três desenvolvimentos teóricos, cada qual, de fato, muito complexo.

O primeiro, que *a ideologia não tem uma história*. Isto é, “essa estrutura e esse funcionamento estão presentes, sob uma mesma forma, imutável, no que se chama a história inteira, no sentido que o *Manifesto*, a define como a história da luta de classes,

isto é, a história da sociedade de classes”⁴⁸. Quer dizer, a ideologia não tem uma história que lhe seja própria, já que, em última instância, é determinada pela luta de classes, e não por si mesma. Elaborar mais acerca desse tema nos tiraria do curso necessário desta investigação específica, que versa sobre o lugar da ciência na Teoria da Ideologia.

O segundo, corresponde à Tese I de Althusser acerca do conceito de ideologia: “A ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições de existência”⁴⁹. Essa elaboração é muito próxima, para não dizer idêntica, ao conceito de ideologia em *Pour Marx*. Expondo suas razões, Althusser diz que os seres-humanos representam suas relações com suas condições de existência, e não suas condições de existência mesmas. Trata-se de uma deformação imaginária promovida pela representação ideológica cuja causa está contida nessa mesma relação representada ideologicamente.

Ou seja, a relação dos seres-humanos com suas condições reais de existência precisa de elaboração ideológica para *ser*, tal como já se descreveu anteriormente. Daí: “[...] toda ideologia representa não as relações de produção existentes (e as outras relações que delas derivam), mas antes de tudo a relação (imaginária) dos indivíduos com as relações de produção e com as relações delas derivadas”⁵⁰.

O terceiro diz respeito à Tese II, verdadeiramente revolucionária: “A ideologia tem uma existência material”⁵¹. Trata-se de compreender que “uma ideologia existe sempre em um aparelho e em sua prática ou práticas”⁵². Esquemáticamente, Althusser registra

⁴⁸ ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 277.

⁴⁹ ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 279.

⁵⁰ ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 279.

⁵¹ ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 280.

⁵² ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 280.

que enquanto relação imaginária com as relações reais, a ideologia possui em si mesma uma existência material.

Necessariamente, o encaminhamento do argumento deve proceder à descrição da forma pela qual essa materialidade pode existir. Althusser não se furta dessa tarefa; diz que a materialidade de uma ideologia se estabelece nas práticas de um indivíduo pois “*suas ideias são seus atos materiais inseridos que, por sua vez, são definidos pelo aparelho ideológico material do qual dependem as ideias desse sujeito*”⁵³. É claro: a materialidade consiste no fato de que *a ideologia habita na prática reiterada de um sujeito, a qual é definida por um AIE*. Quer-se, portanto, destacar a centralidade da prática à formação da crença. Ou seja, a prática de um indivíduo determina a crença que esse sujeito desenvolverá, e não uma crença previamente adquirida que deve estruturar uma prática,⁵⁴ tal como aparece no sistema filosófico e ideológico burguês.

A noção de materialidade revela a *centralidade da figura do sujeito* – agente da prática e receptáculo da crença. Por isso que esta última Tese de Althusser tem de incorporar mais duas. São elas: “toda prática existe por meio de e sob uma ideologia” e “toda ideologia existe pelo e para os sujeitos”⁵⁵.

Ficando apenas com a centralidade do argumento, tem-se que “a categoria do sujeito só é constitutiva de toda ideologia enquanto esta tem por função (que a define) ‘constituir’ indivíduos concretos em sujeitos”. O sentido dessa frase é paralelo à elaboração que Althusser faz do objeto da psicanálise: neste, trata-se de constituir o ser biológico em “filho de homem”⁵⁶; no âmbito do marxismo, trata-se, prosaicamente, de

⁵³ ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 282.

⁵⁴ É muito curioso ler que Althusser diz dever essa ideia a Pascal, que sugere “ponha-se de joelhos, mexa os lábios como na oração e acreditará”. Ao ler isso, Althusser destacou um movimento de Pascal na luta ideológica de seu tempo, tentando convocar soldados ao exército de deus, que deveriam acreditar em sua existência de tanto “fingir” acreditarem. ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 282.

⁵⁵ ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 283.

⁵⁶ ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan. Marx e Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 64.

constituir o indivíduo a partir dos predicados do posto de trabalho por ele ocupado na produção, ou seja, trata-se de fazer do indivíduo um ser-para-a-produção. Em síntese, se a psicanálise olha o ser biológico que vira um filho de homem e quer destrinchar esse processo, a Teoria da Ideologia deveria querer olhar o indivíduo e averiguar como este se tornou um sujeito agente da produção capitalista.

Um passo além, e se estabelece que essa constituição do indivíduo em sujeito se dá através da *interpelação*. Althusser diz que a interpelação designa o *reconhecimento*. Além disso, diz que esses rituais de reconhecimento não tem uma origem que pode ser determinada dentro da história própria de cada sujeito, daí que todos são “sempre já sujeitos”⁵⁷ – mais adiante no texto Althusser comprovará a interpelação assim constituída a partir de um exemplo no interior da prática do AIE Familiar.

Cabe aqui uma curta palavra acerca do procedimental da interpelação. Ao analisar um exemplo de interpelação ideológica, a interpelação religiosa cristã, Althusser identifica que ao lado da figura do sujeito, indivíduo recrutado e constituído ideologicamente, há o Sujeito, Único e central. Assim, será percebido que toda ideologia, em sua liturgia, é *especular*, isto é, tem um centro, o *Sujeito Absoluto*, que interpela uma infinidade de outros indivíduos enquanto sujeitos, os quais a ele se submetem e nele se reconhecem.

Destarte, além do submetimento à figura do Sujeito, há o reconhecimento mútuo entre (i) os sujeitos e o Sujeito, (ii) entre os sujeitos, e, por fim, (iii) do sujeito por si mesmo. Ao garantir esse espectro de reconhecimentos contínuos e concomitantes, isto é, “com a condição de os sujeitos reconhecerem o que são e se comportarem como convém”, a ideologia conquista a garantia da ordem, através do desejo difuso entre os sujeitos de que “Assim seja”⁵⁸. Daí a forma pela qual os sujeitos, por exemplo, na reprodução de força de trabalho, cumprem, conscienciosamente, suas tarefas.

⁵⁷ ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 285.

⁵⁸ ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 291.

Enfim, a estrutura final da materialidade do conceito de ideologia: “a ideologia ‘atua’ ou ‘funciona’ de tal modo que ‘recruta’ sujeitos entre os indivíduos (recruta-os a todos), ou ‘transforma’ os indivíduos em sujeitos (transforma-os a todos) por essa operação muito precisa que designamos *interpelação* [...]”⁵⁹.

De lá para cá, muita coisa mudou. Tem-se, desde já, todo o necessário: a Teoria da Ideologia, agora, mais do que ser designada por um sistema de representações incidentes sobre a relação dos sujeitos para com suas condições de existência, ganhou uma dimensão material, pela qual se pode entender que esse sistema de representações se forma a partir da prática material dos sujeitos, sendo esta determinada pelos AIE, os quais estão expostos e, mais que isso, são organizados, pela luta de classes.

Eis uma robusta Teoria da Ideologia, completa e acabada. Porém, deve-se indagar: como a ciência, que se constituía a partir da distância em relação à ideologia e, sobretudo, sob a condição de ser guiada pela filosofia, também dotada de cientificidade, fica agora no sistema de Louis Althusser? Antes de se debruçar sobre isso, deve-se incorrer no registro da autocrítica de Althusser, que reorganiza o conceito de filosofia em seu sistema teórico.

Correções de um “desvio teorcionista”

A *tarefa* aqui é bastante simples. Trata-se de descrever o que Althusser mesmo reconheceu, apenas para que se possa atingir o ponto que se pretende nas considerações finais. Nesses termos, em alguns artigos publicados na primeira metade da década de 1970, Althusser reviu a forma pela qual organizou a filosofia em seus primeiros escritos. Conforme relatado aqui, a filosofia era Teoria da prática teórica, isto é, uma prática teórica científica.

Quase dez anos depois, o argumento de Althusser se reproduz da seguinte forma: ao conceber o corte epistemológico do materialismo histórico, que toma como objeto da

⁵⁹ ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 286.

prática teórica a atividade das pessoas reais, concebeu a revolução filosófica como idêntica a ele. *Daí a existência de um “desvio teorístico”, que consiste em tratar a própria filosofia como uma outra ciência.* Contudo, Althusser diz agora entender que a filosofia não pode ser ciência, precisamente porque (i) não tem um objeto; (ii) não tem um começo; e, (iii) tampouco tem uma história que lhe é própria.

Dessa forma, a filosofia teve de ganhar uma nova definição e, por isso, passa a ser concebida como *luta de classes na teoria*. E assim o é, justamente, porque a filosofia é entendida como um conjunto de teses que se deslocam através da história. Nessa sua nova conceituação, a filosofia “age” sobre a prática científica – sendo que, no caso de Marx, sua revolução filosófica comandou a sua descoberta científica, na medida em que foi capaz de posicioná-lo dentro da problemática adequada. O que fica de lado, efetivamente, é a ideia de que a filosofia se constitui como uma prática teórica que tem por matéria-prima os conceitos de uma prática teórica científica.

Althusser desenvolve esse mesmo raciocínio em diversos artigos, como em *Elementos de autocrítica, Sustentação de Tese em Amiens*, e em alguns outros textos. Contudo, pensa-se que a mais clara elaboração está no seu *Resposta a John Lewis*, onde se lê:

[...] eu pensei a revolução filosófica de Marx como idêntica ao “corte epistemológico”. Por conseguinte, pensei a filosofia à luz do modelo de “a” ciência e, logicamente, escrevi que em 1845 Marx operou um *duplo* “corte”, científico e filosófico.

É um erro. O exemplo do desvio *teorístico* (racionalista-especulativo) que denunciei em minha breve autocrítica à edição italiana de *Lire le Capital* (1967), reproduzido na edição inglesa. Muito esquematicamente, esse erro consiste em crer que a filosofia é uma *ciência* e que, como toda ciência, tem 1º) um *objeto*; 2º) um *começo* (o “corte epistemológico no momento em que surge o universo cultural pré-científico, ideológico); e 3º) uma *história* (*comparável a uma história da ciência*). *Esse erro teorístico encontrou sua expressão mais nítida e mais pura na fórmula: a Filosofia é “Teoria da prática em geral”.*

A partir de então, comecei a “retificar” as coisas. Em um curso de filosofia para cientistas que data de 1967, depois em *Lénine et la Philosophie* (fevereiro de 1968), avancei outras proposições: 1º) a filosofia não é (uma) ciência; 2º) não tem um objeto, no sentido em que a ciência tem um objeto; 3º) a filosofia não tem história (no sentido que a ciência tem uma história); 4º) a filosofia é a política na teoria. Agora, digo com mais precisão: a filosofia é, em última instância, luta de classes na teoria.

Consequências para nossos propósitos

É impossível reduzir a filosofia à ciência, a revolução filosófica de Marx ao “corte epistemológico”.

A revolução filosófica de Marx comandou o “corte epistemológico” de Marx, como uma de suas condições de possibilidade⁶⁰.

É patente que Althusser preserva a estrutura de seu argumento acerca da prática teórica. E isso não é pouca coisa, pelo contrário. Trata-se da continuidade da verificação de que o “corte epistemológico” habita no fato de que o marxismo se constitui como uma prática teórica científica – e assim o é porque toma os fatos, e não as representações ideológicas, por objeto de trabalho. O que muda após esse esforço de autocrítica é o fato de que não é outra ciência que conduz Marx a se desligar das concepções ideológicas burguesas, mas sim uma nova prática em filosofia, uma revolução filosófica, a qual coloca o Jovem Marx no seio da ideologia proletária, que se constitui a partir da luta da classe operária organizada.

Por fim, vejamos se é possível desenvolver esse argumento de um modo mais rigoroso dentro dos termos da Teoria da Ideologia de Althusser. Antes, contudo, deve-se dispor de alguns elementos esquemáticos que organizam o comparativo dos conceitos nas produções althusserianas.

⁶⁰ ALTHUSSER, L. *Posições I*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1978. p. 43-44.

Localização esquemática dos conceitos

Resta ainda um esforço de síntese e de sistematização dos conceitos trabalhados, quais sejam: ciência, filosofia e ideologia. Imprescindível dizer que se trata de objetos determinantes para a Teoria da Ideologia e que, de fato, constituem o sentido do marxismo, tal como entendido por Louis Althusser. Assim, após todo o destacado, é notável que o marxismo seja, antes de qualquer outra coisa, uma ciência, a Ciência da História, a qual entrega conhecimentos científicos que pavimentam o caminho de lutas da classe trabalhadora. Dessa maneira, trata-se de uma prática, integrante da totalidade da prática social, indispensável à transformação revolucionária da sociedade.

Nada obstante, o marxismo só pode assim constituir-se – quer dizer, ser defendido desse modo – na medida em que estão assentados os conceitos de filosofia e, sobretudo, a Teoria da Ideologia. Eis o sentido do desenvolvimento teórico de Althusser, de suas sucessivas autocríticas, de sua reflexão sobre seu próprio pensamento, em uma palavra, de seu corte continuado: organizar o registro do marxismo como ciência revolucionária.

Para tanto, o mais imediato foi rever a localização do conceito de filosofia tal como disposto em sua primeira grande intervenção pública. Trata-se da mencionada correção do “desvio teoricista”. Se antes a filosofia era tratada como uma ciência e tinha a pretensão de ser, com efeito, a ciência das ciências, o seu ponto de virada teórico esclarece que a filosofia se revela como luta de classes na teoria, em última instância, de modo a dar lugar à representação filosófica do conhecimento científico. Seria injusto, contudo, não explicar esse teorismo do começo. Em suas lutas reais, Althusser procurava então influenciar o Partido Comunista Francês no sentido de um anti-stalinismo de esquerda. Por isso que, depois de seu fracasso, ele se dá conta do cavalo de Troia idealista alojado dentro dos limites de seu próprio materialismo, e o rejeita como “teoricista”.

Do mesmo modo, a ideologia, também como tratada em *Pour Marx*, isto é, sem materialidade, era incapaz de apreender a realidade das dinâmicas e das relações sociais. Daí que a elaboração de uma verdadeira Teoria da Ideologia pacificou o discurso científico como um discurso externo à ideologia, um *discurso sem sujeito*, que só pode ser

produzido na medida em que se organiza distante das relações ideológicas, que são práticas reiteradas ordenadas no sentido da reprodução das condições de produção, que, em última instância, são relações de dominação de classe.

O quadro abaixo tem a pretensão de esclarecer e registrar a movimentação dessa ordem de conceitos. E, a partir dele, pode-se encaminhar as conclusões do texto.

Quadro 1 Esquematização dos conceitos trabalhadoras nas duas principais obras publicadas por Louis Althusser

Conceito	<i>Pour Marx</i>	<i>Idéologie et Appareils ideologiques d'État em diante</i>
Ciência	A prática teórica, que se encaixa definição geral da prática. Ela trabalha uma matéria-prima (representações, conceitos, fatos) que lhe é dada por outras práticas, sejam elas "empíricas", "técnicas", ou "ideológicas". Metodologicamente, a ciência encaixa-se dentro da esquemática das Generalidades (I, II e III). Trata-se de um <i>sistema rigoroso de conceitos, que são concebidos a partir da elaboração dos fatos.</i>	A definição de ciência não se altera. O que, decerto, transforma-se é a forma pela qual a ciência se relaciona, sobretudo, com a filosofia. Isso porque Althusser registra, depois de seu <i>ponto de virada</i> , que a Ciência da História só teve lugar em razão da radicalização política do jovem Marx e, nesse sentido, de seu abrigo nas fileiras da classe trabalhadora organizada em luta, sendo que a filosofia passa a ocupar um posto de condutora

		da unidade na prática científica.
Filosofia	<i>Luta de classes na teoria, em última instância. Campo de Teoria da prática em geral. Uma outra ciência, que versa sobre produção de conhecimentos a partir do trabalho sobre os conceitos de uma “teoria”. Fundada por Marx, em estado prático, n’O capital. A filosofia aqui era pretendida como uma ciência das ciências.</i>	batalha de teses filosóficas. De fato, a continuação da política por outros meios, sendo o meio privilegiado a exploração dos resultados das ciências⁶¹. A filosofia representa a luta de classes. Assim, o marxismo é uma nova prática em filosofia que pode transformar a filosofia.
Ideologia	<i>Representação da relação imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência, da qual se destaca a maneira como o mundo pode fazer sentido espontaneamente para o sujeito que nele vive.</i>	Designa um sistema de representações incidentes sobre a relação dos sujeitos para com suas condições de existência, o qual deve ser compreendido a partir de uma dimensão material. A

⁶¹ ALTHUSSER, L. *Lénine et la philosophie*. In: ALTHUSSER, L. *Solitude de Machiavel et autres textes*. Paris: Presse Universitaires de France (PUF), 1998. p. 103-144.

materialidade desse
sistema de
representações se
destaca, para todos os
efeitos, da prática
material dos sujeitos,
sendo esta
determinada pelos
Aparelhos
ideológicos de Estado
(AIE), os quais estão
expostos e, mais que
isso, são organizados,
pela luta de classes.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Considerações finais

Althusser é categórico ao inferir que o marxismo, enquanto prática teórica científica, está fora da ideologia. Diz isso em diversas de suas produções⁶².

⁶² Pelo claro, as mais paradigmáticas falas de Althusser para este artigo acerca disso se encontram no último texto que vimos trabalhando. Selecionou-se algumas delas: “Mas o reconhecimento de que somos sujeitos e funcionamos nos rituais práticas da mais elementar vida cotidiana (o aperto de mão, o fato de você ser chamado pelo seu nome, o fato de você saber, embora eu o ignore, que ‘tem’ um nome próprio que o faz ser reconhecido como sujeito único, etc.) dá-nos somente a ‘consciência’ de nossa prática incessante ‘eterna’ do nosso reconhecimento ideológico – sua consciência, isto é, seu *reconhecimento* – mas não nos dá, de modo algum, o *conhecimento* (científico) do mecanismo desse reconhecimento. Ora, é necessário chegar a esse conhecimento se pretendermos, embora falando na ideologia e a partir do âmago da ideologia, esboçar um discurso que tente romper com a ideologia para correr o risco de ser o começo de um discurso científico (sem sujeito) e sobre a ideologia”. ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 285. Em outro momento, a este complementar, diz: “Podemos acrescentar: o que parece passar-se, assim, fora da ideologia (precisamente na rua) passa-se, na realidade, na ideologia. O que, na realidade, se passa na ideologia parece, portanto, passar-se fora dela. É a razão pela qual aqueles que estão na ideologia, acreditam por definição estar fora dela: a *negação* prática do caráter ideológico da ideologia pela ideologia é um dos efeitos da ideologia: esta nunca diz ‘sou ideológica’, é necessário estar fora da ideologia, isto é, no conhecimento científico: estou na ideologia (caso excepcional) ou (caso geral): eu estava na ideologia. Sabe-se muito bem que a acusação de estar na ideologia só é válida para os outros e nunca para si mesmo (a não ser que se trate de um verdadeiro spinozista ou marxista, o que, nesse ponto, corresponde à

Desta frase, surge o questionamento: como se pode, verdadeiramente, estar fora da ideologia? Estas últimas considerações se organizam para tentar fazer a teoria althusseriana responder a sua própria abertura e, assim, deixar o conceito de ciência bem delimitado em sua obra revisada.

Comentou-se que a Teoria da Ideologia de Althusser tem por sombra uma epistemologia da ciência, mesmo que pouco elaborada em si mesma pelo próprio Althusser. Nesse sentido, importa destacar o lugar que a ciência pode ocupar diante da Teoria acabada, ou seja, tal como Althusser a fez publicar. Ora, afinal, a todo momento a ciência, ao lado apenas da realidade (inalcançável ela mesma), são as únicas coisas, de fato, fora da ideologia.

Nesse sentido, o filósofo destaca que a ideologia é ainda um sistema de representações das relações dos indivíduos para com as suas condições de existência. Entretanto, o conceito ideologia, agora, ganha uma dimensão material, pela qual só se atribui a qualificação de ideológica àquelas representações produzidas pelas práticas materiais determinadas pelos AIE, os quais alicerçam o projeto de poder da classe dominante. Dessa forma, representações ideológicas são aquelas que concorrem para a reprodução das condições de produção dominantes em uma determinada formação social.

Em uma palavra, a interpelação ideológica é *somente* aquela organizada pela ideologia da classe dominante, pois é ela que constitui os sujeitos através da interpelação daqueles indivíduos submetidos à jurisdição da prática ou das práticas de determinado AIE.

Ao enunciar que a prática teórica científica é um discurso sem sujeito, Althusser anuncia que essa prática está distante da estrutura duplamente especular da ideologia: dessa forma, nem interpela os indivíduos enquanto sujeitos, nem se submete a um

mesma posição). Isso equivale a dizer que a ideologia *não existe fora* (dela), mas ao mesmo tempo *que ela não existe senão fora* (na ciência e na realidade)”. ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a. p. 286-287.

Sujeito – sendo que este só pode ser compreendido dentro dos marcos de um AIE. Daí que a ciência está fora do complexo sistema de representações do qual se vale a ideologia.

Resta uma angústia. Como seria possível, posto isso tudo, estar-se distante das práticas impostas à totalidade dos corpos que compõe às relações sociais pelos AIE? Sem demora, é indispensável a consideração da *luta de classes* para o conhecimento da História, o que o marxismo jamais deveria ter perdido de vista. E o próprio Althusser pontua essa necessidade.

Rebatendo as críticas dirigidas ao seu artigo, fixa que “[...] pode-se dizer que o caráter próprio da teoria que é possível retirar de Marx sobre a ideologia é a afirmação do *primado da luta de classes* sobre as funções e o funcionamento do aparelho de Estado, dos aparelhos ideológicos de Estado”⁶³. Adiante, será bastante firme em consagrar que “Com efeito, a ideologia dominante nunca é um *fato consumado da luta de classes* que tivesse escapado à luta de classes”⁶⁴.

Ou seja, a ideologia dominante que é reproduzida e se reproduz no sistema dos AIE é o resultado de um longo e árduo processo da própria luta de classes. Trata-se, ademais, de uma luta continuada, ou seja, que não termina quando da subsunção real do trabalho ao capital. Em uma palavra, o primado da luta de classes sobre a ideologia dominante e os AIE.

É nesse sentido, e apenas nesse sentido, que a interpelação ideológica pode vir a falhar: quando vai de encontro à luta de classes. Assim, a possibilidade de uma prática teórica científica se impõe quando do afastamento desse recrutamento do Sujeito para as práticas que organizam a reprodução das relações de produção.

Esse afastamento, diga-se, é luta. Mais precisamente, a luta da classe operária organizada. Uma de suas consequências é, reitera-se, a distância obtida do sistema de representações ideológicas operados pelos Aparelhos ideológicos de Estado. Isso assegura

⁶³ ALTHUSSER, L. *Notas sobre os AIE*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999b. p. 239.

⁶⁴ ALTHUSSER, L. *Notas sobre os AIE*. In: ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999b. p. 239.

ao agente da prática teórica (Generalidade II) ter por objeto a atividade concreta dos seres-humanos concretos (Generalidade I), e não uma mera representação ideológica, o que garante a produção de conhecimentos objetivos (Generalidade III). Althusser jamais abandona o modelo por ele apresentado em *Pour Marx*, o que muda é apenas o escopo de seu entendimento.

Mais pontualmente, são as *relações filosóficas* da classe operária organizada em luta que conduzem a prática teórica ao seu caminho científico – isto é, no que diz respeito à ciência do materialismo histórico. Curiosamente, outras práticas teóricas científicas, como a Física, a Biologia e a Psicanálise só puderem se formar, cada qual a seu modo, sob a condição de se distanciarem das relações filosóficas da classe dominante.

Ou seja, para compreender o que marxismo *quer dizer* é necessário percorrer os enunciados científicos de um sistema teórico alicerçado sobre as relações filosóficas da classe trabalhadora organizada em luta – sistema esse que só se completa na medida em que retorna, enquanto produto de valor, à essa prática política específica. O marxismo, assim, *quer dizer* instrumento de batalha.

Uma palavra final: é na luta de classes, e na filosofia por ela organizada, que falha a ideologia dominante. E será *com* a ciência que dessa falha resulta que se fará ruir o castelo de areia da burguesia internacional. Eis algumas das mais importantes armas do exército materialista: a filosofia da classe trabalhadora e a ciência que lhe é subserviente.